

SEMPRE UMA ESCOLHA

Minha jornada contra o medo,
o preconceito e a má política

FELIPE RIGONI



R

SEMPRE UMA ESCOLHA

*Minha jornada contra o medo,
o preconceito e a má política*

FELIPE RIGONI



HISTÓRIA REAL

© 2022 Felipe Rigoni

PREPARAÇÃO

Alvanisio Damasceno

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Rayana Faria

DIAGRAMAÇÃO

Equatorium Design

DESIGN DE CAPA

Angelo Bottino

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICADO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R428s

Rigoni, Felipe, 1991-

Sempre uma escolha : minha jornada contra o medo, o preconceito e a má política / Felipe Rigoni. - 1. ed. - Rio de Janeiro : História Real, 2022

272 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-87518-29-9

1. Rigoni, Felipe, 1991-. 2. Políticos - Brasil - Biografia. 3. Pessoas com deficiência visual - Biografia - Brasil. 4. Autorrealização. 5. Superação. I. Título.

22-76748

CDD: 923.2

CDU: 929-029:32(81)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados a
História Real, um selo da Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.historiareal.intrinseca.com.br

PREFÁCIO

Este livro é uma surpresa. Felipe Rigoni, jovem deputado federal, com apenas 30 anos, conta parte da sua vida, das suas superações e da sua experiência com a gestão pública. E há muito o que contar.

Felipe muito cedo sofreu de uma doença nos olhos que o obrigou a se submeter a diversos tratamentos, incluindo várias cirurgias. As sofridas intervenções não evitaram uma progressiva cegueira, que se tornou total no início da adolescência. Sem tergiversar, ele fala de seus medos, da sua ansiedade, dos efeitos colaterais dos tratamentos, incluindo longos anos tomando corticoides, o que agravou sua ansiedade e o excesso de peso.

E há a superação. Felipe conta, por exemplo, da sua decisão de ir estudar longe da proteção da família, em Ouro Preto, onde morou em uma república, dividindo as

tarefas domésticas. Ele relata o aprendizado de um aluno cego em uma universidade que o acolheu com compreensão e afeto.

A parte biográfica do livro por vezes comove. Felipe conta como acabou por aceitar a cegueira e os desafios que resolveu enfrentar. Poucas semanas depois de se mudar para Ouro Preto, decidiu ir visitar de surpresa a família no interior do Espírito Santo. A sugestão que ouviu parece quase irresponsável: “Pegue um ônibus.” E assim ele fez. Os amigos o embarcaram na rodoviária e depois de muitas horas de viagem ele chegou em Vitória, onde uma tia o esperava para levá-lo aos pais. Ele tinha 17 anos.

Durante a faculdade, resolveu fazer intercâmbio nos Estados Unidos, onde morou em uma casa de família e teve que se desdobrar para se locomover. Menino, ficava sentado em um banco, esperando passar alguém que o ajudasse. Felipe se envergonhava de precisar de ajuda.

Mais tarde, decidiu fazer mestrado em políticas públicas em Oxford, tendo que morar em um país estrangeiro sem o apoio de uma família. Mais surpreendente ainda foi a sua escolha de projeto de fim de curso: eleger-se deputado federal. Houve resistências naturais à proposta, mas ao fim a universidade aceitou. Felipe foi eleito e contou a história da sua campanha.

“Sou um cego deputado, não um deputado cego.” Com essa frase de efeito, ele procura deixar claro que não escolheu a carreira política para defender políticas de apoio a um grupo específico, no seu caso o dos cegos, mas para trabalhar pelo bem comum.

Na segunda parte do livro, Felipe descreve sua experiência no Congresso e a agenda que norteou seu trabalho. Liberal, ele acredita que o papel do Legislativo é reformular regras e procedimentos para melhorar o funcionamento dos mercados na provisão de bens e serviços para a população. Um exemplo foi a reforma da Lei do Saneamento Básico.

Liberal, ao contrário da crença que ainda predomina em boa parte do Brasil, não significa ignorar os graves desafios sociais do país. Pelo contrário. Garantir maior igualdade de oportunidades, por meio da melhora da educação pública e de renda mínima para as famílias mais vulneráveis, é tema central dessa agenda, como ele enfatiza.

Felipe também descreve os momentos de frustração com a mesquinha política, como na atitude do seu então partido, PSB, no debate sobre a reforma da Previdência. Não havia interesse na discussão técnica. Não cabia analisar se havia um problema estrutural ou se a reforma beneficiaria o país. Havia apenas o objetivo de impor uma derrota ao governo, enfraquecê-lo. O resto seria irrelevante.

Felipe termina o livro com suas observações sobre os imensos desafios do Brasil, um país onde o poder público é capturado por interesses de grupos organizados das mais diversas origens, com pouca atenção ao interesse da maioria.

Conheci Felipe pouco depois das eleições. Sempre que procurado, busco ajudar com a análise técnica dos problemas, descrevendo as soluções adotadas em outros países e sistematizando os resultados obtidos nas pesquisas com microdados sobre os temas discutidos.

Felipe impressionou-me desde o primeiro encontro pela atenção aos detalhes e pela curiosidade e capacidade de mergulhar em temas técnicos. Nunca, em nossas conversas, o tema era benefícios para grupos específicos. O que interessava a ele era sempre a melhora para o cidadão comum, anônimo. Muito diferente da agenda dominante em Brasília, ainda mais atualmente.

Depois de tantas décadas de baixo crescimento econômico, não se pode negar que as gerações mais velhas, a minha inclusive, fracassaram com o país. São frequentes os discursos de combate à desigualdade e de promoção do desenvolvimento que terminam por se revelar uma defesa do velho patrimonialismo.

Estou há muitos anos no debate público. Com o tempo, passei a aceitar que não queremos superar nossos entraves. Essa pode até ser a intenção de alguns grupos, mas, quando contrastados com as medidas efetivas, quando descobrem que também fazem parte da elite, que são beneficiados por favores oficiais em detrimento da maioria, recuam e passam a criar obstáculos a qualquer avanço. Pior, quando podem, tentam extrair novos subsídios, aumentos salariais ou medidas de proteção para empresas ineficientes.

Felipe resgata a esperança de que a nova geração possa ser diferente.

MARCOS LISBOA

INTRODUÇÃO

Na madrugada de 6 para 7 de outubro de 2018, eu me sentia exausto, mas não conseguia dormir. Estava tomado por um grau de agitação que tornava impossível qualquer descanso. Dia 6 tinha sido sábado, e às dez da noite eu havia encerrado minha campanha a deputado federal por meu estado, o Espírito Santo. No domingo, que ainda não tinha raiado, as urnas definiriam o meu destino. Eu estava em Linhares, cidade onde havia nascido e me criado. Deitado na cama, revisitava as decisões que tinham me levado até ali. A ousadia de concorrer ao Congresso Nacional sem ter passado por qualquer cargo eletivo antes. O mestrado em Oxford, que havia consolidado muitas das crenças sobre gestão pública que eu pretendia levar para a política. Os debates, os compromissos de campanha, os apoiadores e os detratores. As tensões e os risos no comitê de campanha.

O medo, aquele mesmo que me acompanhava desde os 15 anos, quando fiquei definitivamente cego. Se eu me elegeresse, como seria a rotina de um deputado cego, o primeiro, o único até ali?

Eu tinha feito tudo o que podia. A bola não estava mais comigo. Sentia uma mistura de angústia, impotência e expectativa.

Muito cedo já estava na cozinha. Minha mãe havia acordado primeiro e feito café. Provavelmente tivera uma noite tão difícil quanto a minha. Logo meu pai e meu irmão se juntaram a nós. Mais um pouco e chegaram meu primo Marcelo, unha e carne comigo, e tia Carmen, minha madrinha. Não falávamos muito – não havia muito o que dizer –, mas era um silêncio preenchido de afeto e esperança.

Fomos votar na primeira hora, todos juntos, no Colégio Ouse, uma escola pertinho do apartamento da nossa família. Além do meu número, digitei na urna o 12 para presidente, dando meu voto a Ciro Gomes, candidato do PDT. Ciro era a minha esperança de um segundo turno sem a temida polarização entre Fernando Haddad, o candidato do PT, e Jair Bolsonaro, na época no pequeno PSL, uma legenda até então inexpressiva. Rezando pela minha cartilha liberal, eu teria preferido Henrique Meirelles, o ex-presidente do Banco Central que tanto fizera pela liberdade econômica, ou até João Amoêdo, do Novo, mas dei um raro voto útil. No segundo turno, entre Bolsonaro e Haddad, votei em branco, algo inimaginável exceto naquela circunstância. Eu não escolheria o PT, que havia sido responsável pelos maiores escândalos de corrupção

na história do país, e tampouco Bolsonaro, sobre quem, já na época, guardava sérias reservas em relação à capacidade de gestor e discordâncias sobre seus posicionamentos ultraconservadores.

A lei eleitoral proíbe os candidatos de fazer campanha no dia da votação. Meus amigos e muitos apoiadores tiveram a ideia de varrer as ruas em frente aos locais de votação – com um *button* com meu nome pregado na camisa, o que é permitido. Houve grupos de varredores em Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, Cachoeiro do Itapemirim. As cidades ficaram mais limpas e, graças a essa ação, talvez algum eleitor, na última hora, tenha se lembrado do candidato que estudou para ser um bom político. (Uma vez, fazendo campanha em Cachoeiro, um homem que vigiava carros na rua gritou: “Você é o cara que estudou em Harvard!” Bem, não era Harvard, e sim Oxford, mas ficou evidente que o que fiz tinha valor.)

De volta do local de votação, decidi que passaria o dia quieto, em família, tentando manter a ansiedade sob algum controle. Combinamos que às quatro da tarde toda a equipe de campanha, inclusive o pessoal de Vitória, se reuniria em uma casa que pertence à minha família e estava desocupada. Compramos chope – ainda não sabíamos se para comemorar ou chorar as mágoas – e esperamos dar cinco horas para acompanhar a contagem dos votos.

Mais e mais gente foi chegando – no fim, havia umas cem pessoas no local. Iniciada a apuração, logo de cara apareceram cento e poucos votos. Eu disse a mim mesmo: “Calma, está só começando.” Mil votos. Saí da casa e fui para o quin-

tal. Sentado no chão, sozinho, fiquei ouvindo a gritaria que vinha lá de dentro. Dez mil votos. Vinte mil votos. Chegou gente do partido pelo qual eu havia me candidatado, o PSB, dizendo que eu talvez tivesse uma boa votação, quem sabe até ficasse em segundo lugar, atrás de Paulo Foletto – deputado federal do PSB que concorria à reeleição. Quando bati 28 mil votos, Ingrid Lunardi, amiga de longa data e competência indiscutível que tinha coordenado minha campanha, deu um grito:

– Passamos o Foletto!

Não era uma competição, claro, mesmo porque Foletto até ali tinha sido um bom deputado. O importante era que eu tinha passado o Foletto – eu, um candidato jovem e desconhecido, sem nenhuma vitória eleitoral anterior.

Quarenta mil votos. Ingrid desmontando de nervosa, meu pai imóvel, catatônico de tensão. Dentro da casa, diante do computador, outro amigo fiel e apoiador de primeira hora, Victor Casagrande, acompanhava os números em tempo real e fazia contas.

Cinquenta mil votos. Eu me levantei e comecei a rodar, rindo. Pouco a pouco, eu ia ultrapassando a votação de vários medalhões da política local.

– Ainda não está eleito, Rigoni. Não dá para comemorar por enquanto.

Victor tinha saído de seu posto para me pedir calma.

Setenta mil votos. Eu, naturalmente, não via a expressão de Ingrid nem a de Victor, mas podia sentir que ele estava emocionado quando se aproximou de mim.

– Estamos eleitos – falou assim mesmo, na primeira

pessoa do plural, consciente de quanto aquela vitória era de todos nós.

Quando ele disse isso, ouvi um baque: Ingrid tinha desmaiado de puro cansaço, tensão acumulada e, naquele momento, felicidade.

Não dá para descrever o que foi aquele instante. Lembro-me de um grande abraço coletivo, de choro e risos, de alguém perguntando: “O que vocês vão fazer agora?” De alguma maneira, aquela pergunta me despertou. Perguntei por meu pai. O que eu mais queria era abraçá-lo. Aquela campanha fora nossa. Trocamos o abraço mais longo, mais cúmplice, mais afetivo de toda a nossa história.

Queriam que eu improvisasse um discurso, o que eu só faria depois que o último voto tivesse sido contado. Quando chegamos a 84.405 e soubemos que não entraria mais nenhum, disse algumas palavras das quais não tenho a menor lembrança, de tão eufórico e emocionado. Certamente agradei e reiterei meu desejo de ser um bom deputado. O melhor que pudesse ser.

Eu tinha construído minha candidatura sobre quatro grandes eixos. Trabalharia por um governo eficiente e inovador, que entregasse políticas públicas bem desenhadas para pessoas que precisassem delas, no momento em que precisassem. Defenderia uma economia cada vez mais competitiva num regime de livre mercado, única saída que vejo para aumentar a riqueza, gerar empregos e fazer o Brasil crescer. Lutaria por uma educação de qualidade: todas as minhas conquistas na vida são indissociáveis da educação que recebi, e sempre acreditei que todos deveriam ter as mesmas oportu-

nidades. Por fim, atuaria para proteger os vulneráveis, por acreditar que, mesmo numa economia regida pelo liberalismo, a desigualdade brasileira é de tal magnitude que não se pode simplesmente apagar essa necessidade de qualquer projeto político.

Oitenta e quatro mil, quatrocentos e cinco eleitores tinham validado esses pilares de atuação. Eu estava pronto para defender cada uma das minhas ideias em Brasília, energizado, um pouco assustado, mas confiante. Tinha chegado até ali apesar de todas as limitações da cegueira, da inexperiência e da juventude – estava com 27 anos e tinha toda a vontade do mundo de fazer diferença. Sabia do cansaço dos brasileiros em relação à política e queria mostrar que era possível fazer de outro jeito.

Àquela altura era impossível prever, mas no Congresso eu teria de lidar com as consequências de uma pandemia que, enquanto escrevo este livro, já havia tirado a vida de mais de 600 mil brasileiros e destruído a economia. Enfrentaria um presidente mentiroso que, em vez de trabalhar pelo país, se ocupava em proteger os filhos investigados por corrupção e diariamente fabricava tensões e brandia ameaças às nossas instituições democráticas.

Em nome das causas que defendia, eu negociaria com políticos que representavam o suprassumo do fisiologismo. Combateria orçamentos secretos, votações cujo resultado poderia comprometer o bem-estar das próximas gerações e levantaria bandeiras nem sempre compreendidas, mas, como explicarei nas próximas páginas, vitais para o nosso êxito como nação – como a reforma da Previdência e o

Marco do Saneamento Básico. Em pouco mais de três anos de mandato, tive um curso completo das mazelas da vida política brasileira lutando para não perder de vista um único dos meus ideais, e espero ter conseguido. Meus eleitores me julgarão nas urnas em eleições futuras. Isso é o mais lindo da democracia.

Este livro é um relato das lutas que travei desde menino – contra a cegueira, contra o medo, contra o preconceito, contra a má política. É também um manifesto de todas as minhas esperanças para o nosso país e para o nosso povo. Acredito que venceremos apesar de tudo e tenho projetos e instrumentos para contribuir. Seja bem-vindo, bem-vinda, à minha história.

I. NÃO ERA SUJEIRA NA TELA DO COMPUTADOR

Com 69 lagoas, uma enorme área preservada de Mata Atlântica e quase 80 quilômetros de praias, Linhares é uma das principais cidades do interior do Espírito Santo. Nasci no dia 13 de junho de 1991, no hospital Rio Doce, filho de Ricardo Lopes e de Jane Rigoni. Meu pai é proprietário de uma loja de material elétrico chamada Ponto de Luz, que funciona na cidade há mais de trinta anos. Um homem com alma de comerciante, dono de uma capacidade extraordinária de conhecer pessoas, conversar e se conectar com todos. Nunca encontrei alguém que conhecesse mais gente do que ele. Tem um coração do tamanho do mundo, sempre ajudando quem precisa.

Minha mãe é florista. Além de sua floricultura, que se chama Vila Verde, tem um viveiro de plantas ornamentais

em nosso sítio, que funciona como uma espécie de santuário para ela. Muito mais do que das plantas, minha mãe tem um jeito para cuidar de pessoas. Sua capacidade de se doar por quem ama, mesmo que ela própria esteja em situação difícil, me impressiona todo dia.

Exceto por uns poucos episódios na escolinha e por um prazer infantil em espalhar as peças do WAR, o jogo preferido da minha mãe, não tenho muitas lembranças dos meus primeiros anos. Minhas principais memórias começam com o episódio que moldou minha vida: a história de como fiquei cego.

Quando eu tinha 6 anos, meus pais começaram a perceber que eu sempre me aproximava do que queria ver melhor. Várias vezes fui flagrado no quarto deles, onde havia o maior televisor da casa, assistindo a desenhos. Bem de perto. Com o tempo, passei a reclamar porque não conseguia enxergar de longe. Meus olhos doíam. Lembro-me muito bem do episódio que mostrou que tinha algo de errado com minha visão. Estava assistindo ao *Jornal Nacional* com meus pais e, embora soubesse que os apresentadores eram William Bonner e Fátima Bernardes, minha vista estava tão embaçada que eu não distinguia um do outro.

Houve vários médicos e exames intermináveis até o diagnóstico correto: eu tinha uma doença chamada uveíte intermediária bilateral, basicamente uma infecção no fundo dos dois olhos que dificultava a captação da luz e, por consequência, reduzia minha capacidade visual. Logo descobrimos que Belo Horizonte era (ainda é) o principal centro de especialidade oftalmológica do país. Mesmo lá, ninguém,

nem mesmo os mais conceituados profissionais, conseguia explicar a origem daquela uveíte. Meio desalentados, entendemos que não existia cura, apenas um tratamento à base de corticoides que, no meu caso, não teve muito sucesso. Teve, isso sim, um efeito colateral muito complicado: em algumas pessoas, o uso continuado de corticoides aumenta drasticamente os níveis de ansiedade. Comigo foi tão intenso que até hoje, tantos anos depois de ter ficado cego, ainda tenho de lidar com uma ansiedade enorme. Na época, com apenas 10 anos, comecei a descontar a ansiedade na comida e engordei muito, chegando quase aos 70 quilos.

Enquanto isso, a uveíte não dava trégua. Evoluiu tanto que, a certa altura, eu não só tomava o corticoide em comprimidos, como também tinha de fazer procedimentos cirúrgicos para aplicação direta do medicamento dentro dos olhos. Fui mais de uma dezena de vezes à sala cirúrgica para me submeter a isso, sem melhoras. Além disso, não sabemos se por causa da uveíte ou do tratamento, várias complicações começaram a aparecer. Uma delas foi a catarata.

A catarata surge quando o cristalino, uma lente natural que temos dentro dos olhos, por alguma razão acumula uma espécie de sujeira. Passei a enxergar tudo embaçado, como se estivesse em um carro com vidros fechados e sem ar-condicionado num dia de chuva. A diferença é que o problema está dentro do olho, e o que resolve não é um pano limpo, e sim uma cirurgia.

Quando os médicos identificaram a catarata no meu olho esquerdo, eu ainda fazia o tratamento no Instituto de Olhos de Belo Horizonte (IOBH). Apesar de estar em um cen-

tro de referência, por alguma razão de que não me recordo decidimos não fazer a cirurgia de correção da catarata lá. Procuramos outro médico, que nos foi indicado como um dos melhores especialistas no assunto.

A coisa já começou meio errada. Nunca gostamos de verdade desse novo médico. Sempre o achamos soberbo demais, falando mais de um jatinho que tinha comprado do que do meu tratamento. Como, supostamente, era o melhor no assunto, continuamos com ele.

Na cirurgia de correção da catarata, o cristalino é retirado e substituído por uma lente artificial que funciona perfeitamente. Mas na minha cirurgia algo deu errado e o olho rejeitou a lente. Já acordei sem enxergar da vista operada.

Ficamos arrasados. Era para ser uma cirurgia simples, e eu tinha ficado cego de um olho. O médico não conseguia explicar o que tinha acontecido. Nas semanas e nos meses seguintes, outros profissionais que consultamos falaram em erro humano irreversível. Era como se o olho esquerdo tivesse sido “desligado”. Eu nunca mais enxergaria com ele.

Duramente, meus pais e eu aprendemos que em time bom não se mexe muito e retomamos o tratamento no IOBH, onde, ao menos por um tempo, a situação estivera sob controle. Como a uveíte continuava firme e forte, voltei aos procedimentos de injeção direta de corticoide. Logo, porém, descobrimos que meu olho direito também estava com catarata. Traumatizados pela experiência anterior, ficamos por ali mesmo, e fiz a cirurgia de correção com um dos médicos do instituto. Deu tudo certo: o olho aceitou bem a nova lente e entrei em uma fase, mesmo que breve, de vi-

são mais estável. Só enxergava de um olho, e mesmo assim não 100%, mas conseguia fazer todas as tarefas do dia a dia normalmente.

Acontece que a lente artificial colocada no lugar do cristalino também acumula sujeira, com mais rapidez do que ocorre com o cristalino natural. Para corrigir isso não é preciso fazer nova cirurgia – basta um procedimento chamado Yag Laser. O médico aplica no olho “tiros” de laser que, ao atingirem a lente, dissolvem a sujeira acumulada. Entre meus 9 e 10 anos de idade, me submeti a esse tratamento periodicamente.

Eu me lembro como se fosse hoje da nossa última viagem a Belo Horizonte para fazer o Yag Laser, minha mãe, minha tia Odete, irmã de minha mãe, e eu. Esperei um tempão até chamarem meu nome. Como tinha muito tempo que não fazia, quando o procedimento terminou senti um impacto visual muito grande. Na saída do instituto, recordo de ficar maravilhado, pois eu conseguia ver inclusive as falhas do asfalto nas ruas da cidade. Senti uma imensa alegria! Havia tempos que eu não enxergava tão bem como naquela noite.

No dia seguinte, chegamos a Linhares ao anoitecer, eu ainda radiante, observando cada detalhe de tudo como se fosse a primeira vez. Minha casa estava em reforma, então dormimos na casa de minha avó materna, que ficava ao lado da floricultura da minha mãe. Quando acordei, no outro dia, minha mãe já tinha ido para o trabalho. Fui para a cozinha tomar o café da manhã e havia um jogo de resta 1 sobre a mesa. Comecei a jogar, mais uma vez maravilhado com o quanto minha visão estava boa. A base metálica, as bolinhas

azul-escuras e também um pouco metálicas, e eu conseguia ver isso tudo. Guardo até hoje a imagem de quando terminei o jogo: a última bolinha azul-escura posicionada no centro, refletindo a luz do teto da cozinha.

Terminado esse jogo, fui para a floricultura. Como só tinha aulas à tarde, me sentei na frente do computador e me envolvi numa partida de paciência *spider*, que eu adorava. Fiquei ali um tempão, ainda desfrutando daquela me-lhora na vista. Estava prestes a colocar um valete de espadas abaixo de um rei no canto direito do computador quando percebi que esse lado da tela estava turvo. Olhei para o lado esquerdo... Tudo normal. Pensei comigo: “Será que o computador está sujo?”

Peguei um pano que estava sobre a mesa ao lado e esfreguei o canto sujo. Nada aconteceu. Ao mesmo tempo, percebi que aquela parte turva parecia maior a cada instante. Já estava com muito medo, então me levantei e comecei a andar em direção à casa de minha avó, para onde minha mãe tinha voltado. Nessa altura, a turbidez já tinha tomado todo meu campo de visão. Eu só via um borrão de luz e formas completamente indefinidas.

Daí em diante não só minha visão, mas também minha memória, virou um borrão.

Eu me lembro vagamente de chamar minha mãe, de braços me guiando, da cama de minha casa e de me dizerem que o médico que me atendia em Linhares só chegaria no fim do dia. E me lembro do medo, muito medo.

Começava ali um período muito duro de seis anos em que eu oscilei entre a iminência de perder um pouco mais da

visão e a esperança de voltar a enxergar bem. A pior coisa foi eu não ter cortado as cordas da esperança. Deveria ter feito isso mais cedo. Uma vez, um professor me disse algo que me marcou muito: a realidade está sempre certa. Por mais dura que seja. Cabe a nós aceitar, entender e superar a dor que ela possa trazer.

Ainda hoje, de vez em quando me pego sonhando com algum tratamento, alguma magia que me devolva a visão. A diferença é que aprendi a cortar esses pensamentos pela raiz assim que aparecem. Comecei a me dar muito bem na minha vida pessoal, emocional e profissional quando aceitei a cegueira. “É assim, então beleza”, digo a mim mesmo. Entendi que, sem acolher o que tem para hoje, eu jamais conseguiria mudar. A realidade é dura, mas talvez eu possa escolher algo positivo diante dela.

Em 2018, Felipe Rigoni foi a maior surpresa política do Espírito Santo. Aos 27 anos, sem nunca ter exercido um cargo eletivo, recebeu 84.405 votos, tornando-se o segundo deputado federal mais votado do estado e a primeira pessoa cega a ser eleita para o Congresso Nacional. Sua campanha incorporou a ousadia e o pioneirismo que marcaram sua trajetória.

Diagnosticado aos 6 anos com uma doença degenerativa nos olhos, desde cedo ele teve de superar as limitações impostas pela cegueira progressiva – que se tornaria total aos 15 anos. Rigoni se especializou em quebrar barreiras e superar expectativas. Convenceu os pais de que deveria cursar a faculdade de engenharia de produção em outro estado, longe da proteção familiar, e se tornou o primeiro cego a estudar em tempo integral na Universidade Federal de Ouro Preto. Para aprimorar o inglês, foi mais longe e fez um intercâmbio nos Estados Unidos.

Movido por um desejo profundo de contribuir para seu país, decidiu “estudar para ser um bom político”, conquistou uma bolsa e foi aceito para o prestigioso mestrado em políticas públicas na Universidade de Oxford. Como trabalho de conclusão, propôs sua candidatura a deputado federal.

A cada desafio, Felipe travava uma batalha íntima com um sentimento constante. “O medo está presente em quase tudo o que faço, até hoje, ainda que em menor medida. Não enxergar assusta. Só tem uma coisa que é um tiquinho maior do que o medo na minha vida: a vontade de evoluir, de dar certo.”

Em *Sempre uma escolha*, Felipe Rigoni relata sua experiência no Congresso e sua crença numa política livre de dogmas e fundamentada nas melhores práticas. Liberal na economia, ele acredita que uma política voltada para igualdade de oportunidades, combate aos privilégios e incentivo ao empreendedorismo representa a forma mais eficaz de combate à terrível desigualdade que marca o país. No prefácio do livro, o renomado economista Marcos Lisboa afirma que a sua geração falhou na construção de um país mais próspero e menos desigual, mas que jovens como Felipe Rigoni resgatam “a esperança de que a nova geração possa ser diferente”.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1167/